



Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT Ano V nº 30 03.08.2005

## João Felício promete guerra à política econômica

Novo presidente da central defende autonomia em relação a governo e PT, cobra 'operação mãos limpas' no país e diz que CUT será mais ousada do que sob Marinho na luta por mudanças na economia. Céticas, tendências de esquerda não crêem em mudanças. Dia 16, a central participa de ato nacional da CMS.

Depois de semanas de debates internos, a executiva da CUT definiu, na última sexta-feira (29), o nome do professor João Felício como sucessor do agora ministro do Trabalho, Luiz Marinho, na presidência da central. Felício, indicado pelo campo majoritário da CUT, obteve a preferência de seus pares sobre o concorrente Artur Henrique Santos (também do campo majoritário), mas não a aprovação das correntes de esquerda, que se abstiveram na votação final da executiva.

Ex-presidente da CUT – gestão 2000-2003 –, integrante da chapa que elegeu Luiz Marinho e secretário sindical do PT, Felício assume uma CUT fragilizada por discordâncias internas sobre a relação com o governo - tensionamento que levou à saída de vários sindicatos e à tentativa do PSTU de criar uma alternativa sindical, o Conlutas – e por uma diluição das bandeiras originais, como acusam as correntes de esquerda. A questão central para a CUT agora é: haverá mudanças na sua condução política sob Felício?

De acordo com o próprio, é possível. Conhecido por seu estilo mais agressivo, Felício anunciou, poucas horas depois da confirmação de seu nome na presidência, que o convite de Lula e a aceitação de Marinho para o Ministério do Trabalho não passaram pela CUT, e foi uma decisão individual de ambos. "A CUT não é uma correia de transmissão entre o sindicalismo e o governo ou o PT. Esse tipo de relação promíscua leva à perda da representatividade, e não é o governo que manda na CUT, são os sindicatos filiados", diz Felício.

Negando que seu cargo de secretário sindical do PT terá alguma influência no seu trabalho na CUT, Felício foi veemente ao afirmar que poderá haver conflitos entre a central, o PT e o governo, já que o sindicalismo defende interesses específicos que podem contrariar o partido e o governo. "Se da agenda mínima constar a queda dos juros, mais verbas para a habitação, a saúde ou a agricultura familiar, ok. Se for mais ortodoxia, não contem com nosso apoio".

Apesar de considerar que a condição de ministro de Luiz Marinho pode favorecer as negociações da CUT com o governo, Felício garante que a grande aposta da central agora será a Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS, articulação que congrega movimentos como o MST, a UNE, pastorais sociais e outros) e o fortalecimento da luta por mudanças na política econômica.

"A CMS é a aglutinação do que existe de mais ético no Brasil, e estaremos organizando atos em todos os Estados. Sempre acreditei na mobilização, e sempre gostei de greve. Dizem que tenho mais horas de greve do que em sala de aula", brincou Felício. Mas, segundo ele, o momento exige ousadia e pressão sobre o governo, e "a CUT vai ser mais ousada do que foi até agora", garante.

A principal mobilização da CMS ocorre no próximo dia 16, quando as organizações participantes devem engrossar a Marcha Nacional da Reforma Urbana e pelo Direito à Cidade, dos movimentos de moradia. Na pauta, a exigência de redução dos juros e do superávit primário, e da apuração e punição dos escândalos de corrupção. "Queremos uma 'operação mãos limpas' no país", diz Felício.

Para o presidente da CUT, que se empolga sempre quando fala em greve, um dos seus alvos principais será também o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, a quem acusa de pagar salários miseráveis para o funcionalismo estadual e de estar sendo blindado nesta crise que assola o país. "Sempre gostei de greve. Sonho em enfiar uma greve espetacular contra Geraldo Alckmin, que diz: você está com as mãos sujas e nós com as mãos limpas. Também queremos levantar a questão das 58 CPIs no Estado que estão paradas na Assembléia Legislativa".

## Dúvidas

Com a eleição do "companheiro Lula" em 2003, de repente a CUT se viu em uma situação complicada: finalmente se concretizara o projeto de ter um representante seu no poder, mas com a definição dos rumos do governo em direção a uma política de alianças com os setores mais conservadores, e a conseguinte frustração das expectativas das bases cutistas e petistas, a central, liderada por Luiz Marinho, aliado histórico de Lula, perdeu força junto aos trabalhadores e viu crescer a divisão interna entre majoritários e correntes de esquerda - repetição exata do quadro petista.

A indicação de Felício como novo presidente da Central, apesar de sua "maior agressividade" e seu discurso independentista, não animou a esquerda da CUT. Na reunião da Executiva que confirmou seu nome na última sexta, todas as correntes, inclusive a ligada ao PC do B, aliada do campo majoritário, se abstiveram. Ou seja, Felício é o novo presidente com aval apenas de sua própria corrente.

Segundo Jorge Luís Martins, o Jorginho, membro da Executiva da CUT pela corrente CUT Socialista e Democrática e a principal liderança da esquerda da central, a CUT acabou se perdendo em uma relação pessoal e sentimental com o governo, a quem deu um cheque em branco sem debate político. Neste sentido, avalia, João Felício não trará mudanças em relação a Marinho porque estará espremido pela reeleição de Lula a qualquer preço.

Mas pondera: "Felício tem um perfil mais autônomo, talvez ele abra mais canais de negociação. A crise da CUT se apresenta na perda de suas bandeiras, na perda da solidariedade. Não é falta de resoluções, é falta de implementação delas. Sempre se esbarra na teoria da governabilidade na hora de implementar. A grande tarefa da CUT é resgatar a sua autonomia, que foi esmagada por Marinho".

Para a secretária de Políticas Sociais da CUT, Gilda Souza, da Corrente Sindical Classista, ligada ao PCdoB, Marinho e Felício têm perfis diferentes. "Na gestão Marinho ficamos sem saber quais eram os limites da relação com o governo. Ele era muito negociador, muito próximo a Lula. Felício sempre foi mais combativo, vai mais à rua, e implementa as ações com base nas resoluções da central. A política da CUT provavelmente não vai ser muito diferente, mas o estilo, sim".

Na avaliação do pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e Trabalho da Unicamp, Dari Krein, não é a figura do presidente da CUT que mudará seus rumos, mas sim a política acordada pelo campo majoritário. Segundo ele, a vitória de Lula deixou o movimento sindical em compasso de espera, e, nesse momento, quanto mais a CUT reafirmar sua autonomia e as bandeiras históricas, mais se fortalece nas base. *(Verena Glass) (Carta Maior, 01.08.2005)*

## **Brasil terá o terceiro menor crescimento da AL**

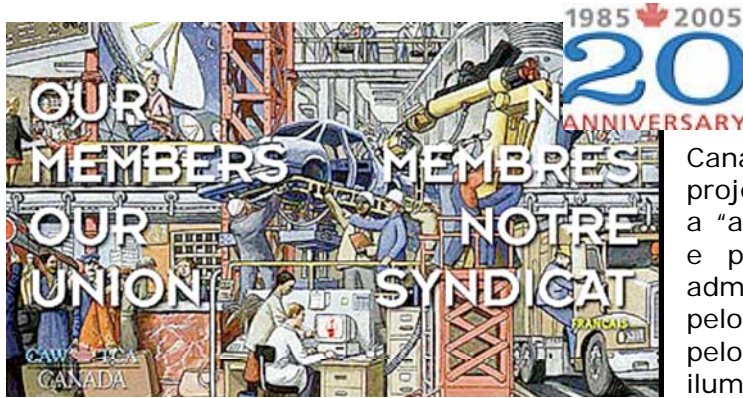
A economia brasileira terá o terceiro menor crescimento econômico neste ano, à frente apenas do Paraguai e de El Salvador, segundo estudo da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina), divulgado ontem. O crescimento do país deverá ser de 3% neste ano, menos que os 4% previstos em abril, afetado principalmente pelas altas na taxa de juros do Banco Central, diz o estudo da comissão.

"A alta das taxas de juros repercutiu no desenvolvimento da atividade econômica, que desacelerou sua taxa de expansão no último trimestre de 2004 e no primeiro de trimestre de 2005", que foram, respectivamente, de 0,4% e 0,3% respectivamente, segundo o documento. "Devido a esses resultados, se corrigiu a expectativa de crescimento para 2005, que se estima agora em 3%."

O mesmo percentual de crescimento que o do Brasil está previsto para a Costa Rica, o Equador, a Guatemala e o Haiti - cuja economia, no ano passado, registrou retração de 3,8%, segundo a Cepal. Considerados os países do Mercosul, desde os membros do bloco até os países associados, o crescimento previsto para o Brasil supera apenas o do Paraguai. A economia da Argentina deverá apresentar a maior expansão na América Latina neste ano, com crescimento previsto de 7,3%.

Em segundo lugar vem a Venezuela (país associado do Mercosul), com crescimento previsto de 7% neste ano, seguida do Uruguai, que deverá ter crescimento de 6,2%. O Chile e a Bolívia (os outros países associados do Mercosul) deverão crescer 6% e 3,5% respectivamente. O Paraguai, por sua vez, deverá registrar crescimento econômico de 2,8%. O outro país latino-americano que deverá ficar atrás do Brasil, El Salvador, terá crescimento econômico de 2,5%. *(Diário do Vale, 04.08.2005)*

## Aniversário do CAW



Como parte das comemorações de seu 20º Aniversário o Canadian Auto Workers Union - CAW, o sindicato dos trabalhadores automotivos do Canadá lançou o Projeto FotoJornal . O projeto pediu aos integrantes do sindicato a "acenderem uma luz" através de figuras e palavras sobre os colegas que eles admiram e respeitam pelo que fazem, ou pelo modo como eles vivem suas vidas ou pelo o que eles são – colegas que iluminam as vidas dos outros através de

sua generosidade de espírito e que, com seu exemplo, nos convidam a agir e a pensar de modo diferente. O resultado do projeto pode ser encontrado em sua página na Internet.

[http://www.caw.ca/visual&printlibrary/photojournal/CAWPHOTO/images/enter\\_r2\\_c4.jpg](http://www.caw.ca/visual&printlibrary/photojournal/CAWPHOTO/images/enter_r2_c4.jpg)

## Arcelor cria maior siderúrgica do Brasil

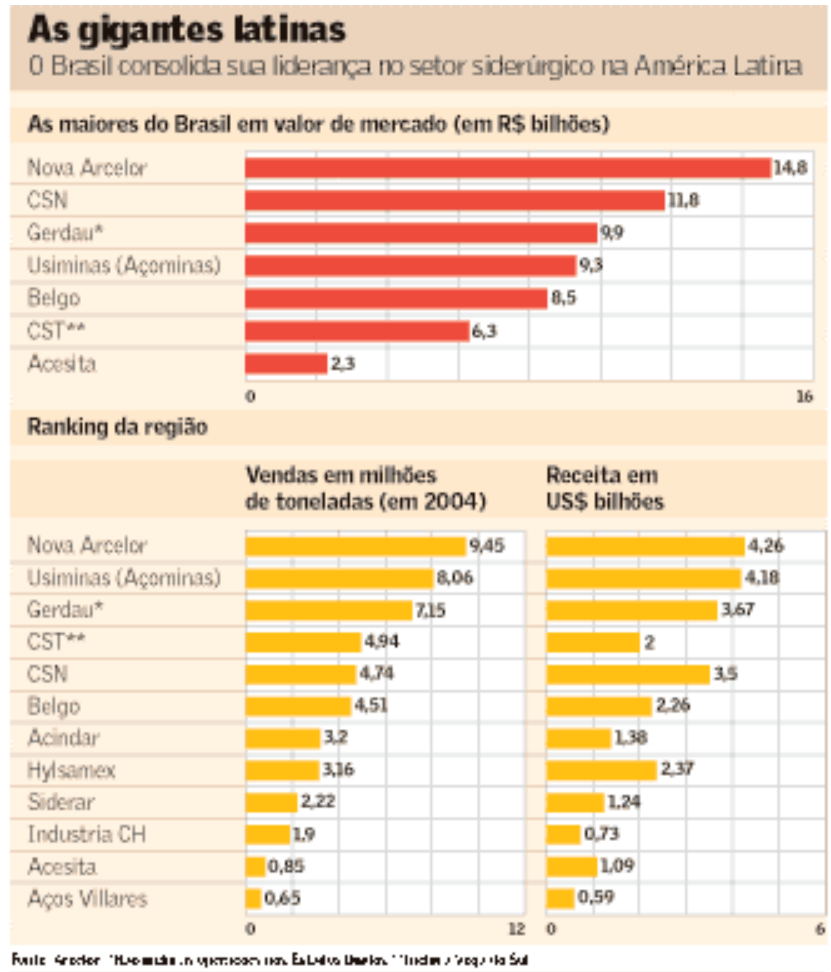
Participações na CST e Vega do Sul serão incorporadas na Belgo

Ao juntar as operações de três empresas que controla no Brasil, o grupo europeu Arcelor cria a maior fabricante de aço do país em volume e valor de mercado. A decisão, anunciada ontem pela manhã em Paris, vai consolidar na Belgo-Mineira, siderúrgica sediada em Belo Horizonte, as participações que detém na Cia. Siderúrgica de Tubarão (CST) e na Vega do Sul. A empresa, que se chamará Arcelor Brasil, terá produção superior à da Usiminas, Gerdau e CSN, com quem vai concorrer diretamente.

Na primeira fase, que deixa a Acesita de fora, a Arcelor Brasil terá uma capacidade de 11 milhões de toneladas por ano. Esse volume inclui a argentina Acindar, desde o ano passado uma controlada da Belgo. O valor de mercado da nova empresa será de quase R\$ 15 bilhões. Suas ações serão negociadas na Bovespa com uma governança corporativa similar ao nível 1, segundo um diretor do grupo.

"A Arcelor Brasil será uma nova plataforma de expansão do grupo, que busca em sua estratégia de crescimento fontes de produção de baixo custo, como no Brasil, países do Leste Europeu e até Índia, e de potencial de demanda em alta, como é o caso da China", afirmou Guy Dollé, presidente mundial da Arcelor, que hoje estará no Brasil para explicar a operação.

Durante a apresentação dos resultados do primeiro semestre, Michel Wurth, diretor-geral de finanças, destacou que as operações no Brasil, sobretudo, e na Argentina foram responsáveis por cerca de 30% do resultado operacional do grupo, que somou 2,6 bilhões de euros , sobre uma receita de 16,8 bilhões de euros de janeiro a junho.



"A operação é o símbolo de nossa continuidade no Brasil, onde o grupo chegou em 1921 e fundou a Belgo-Mineira", disse Dollé. Depois disso, acrescentou, o grupo adquiriu participações na Acesita e CST em 1998 e investiu mais de US\$ 400 milhões na Vega do Sul a partir de 2000. "Continuamos apostando no país, ao apoiar a expansão de U\$ 1 bilhão da CST e temos planos para em cinco anos fazer a Belgo crescer pelo menos 60%."

Com isso, a atual capacidade do grupo poderá saltar das atuais 10,5 milhões de toneladas de aços planos e longos para cerca de 15 milhões. De meados de 2006 em diante, apenas a CST adicionará mais 2,5 milhões de toneladas de placas, que poderão ser vendidas nessa forma de produto semi-acabado ou ter parte transformada em produto laminado para indústrias de autopeças, tubos, botijões e até para automóveis.

O desejo da Arcelor é que os minoritários de CST façam a troca de ações pelas da nova empresa, que inicialmente será chamada de "New Belgo", na proporção de uma ação de Belgo por 9,32 de CST. "Estamos oferecendo o mesmo valor pago a Arcelor, ou seja, não houve prêmio para o controlador", destacou Wurth. Segundo ele, a expectativa é que haja adesão a proposta, pois a Arcelor Brasil nasce com portfólio diversificado de produtos, com maior liquidez na Bovespa, plataforma futura de crescimento e uma proposta de transparência na governança corporativa e ganhos de sinergias de 70 milhões de euros ao ano.

Se a adesão for plena, o grupo vai deter dois terços do capital da Arcelor Brasil. A diferença permanecerá no mercado, pulverizada. Caso os minoritários resolvam desfazer-se de seus papéis, o grupo europeu acabará dono de no máximo 75%. Atualmente, existem apenas investidores em ações PN na CST; Vega do Sul, fábrica de laminados a frio e galvanizados em Sao Francisco do Sul (SC), tem capital fechado e pertence 75% à Arcelor e 25% à CST.

A avaliação das empresas, para se criar a Arcelor Brasil, foi encomendada ao UBS e o Deutsche. "Nossa intenção foi dar maior segurança aos acionistas minoritários", disse Jean Yves Gilet, diretor-geral de aços inox e que já comandou a Acesita de 1998 a 2002. Ao decidir pela transformação da Belgo em empresa-mãe para a criação da Arcelor Brasil, o grupo também computou as vantagens fiscais detidas pela empresa mineira, herdadas por ocasião do processo de compra da antiga Siderúrgica Mendes Junior, em Juiz de Fora-MG desde 1995.

Wurth, que cuida das finanças do grupo, destacou que a companhia será líder mundial em alguns segmentos, como o de aços trefilados, e com forte atuação no mercado interno e grande exportadora, tanto em aços planos - placas e laminados pela CST - e de material de aços longos por parte da Belgo. "Vamos ser uma (ação) blue chip na Bovespa, com valor de 6 bilhões de euros ", afirmou.

A Arcelor Brasil nasce com dívida líquida de R\$ 1,8 bilhão e com um quadro de 14,5 mil funcionários. Pelo cronograma da operação, em 8 de setembro será feita a primeira assembléia de acionistas da Belgo, para preparação do processo de fusão com CST e Vega do Sul. No dia 12 deve ocorrer o encontro de acionistas da Belgo e da CST para apresentar a proposta de criação da Arcelor Brasil. Espera-se a conclusão em 40 dias. (Ivo Ribeiro, de Paris) (*Valor*, 29.07.2005)

## **Scania contrata mais 100 funcionários no ABC**

Para aumentar a produção e atender ao incremento das exportações de caminhões e ônibus, a Scania Latin America ampliou o quadro de funcionários da fábrica de São Bernardo. A empresa contratou mais 100 trabalhadores que antes atuavam como estagiários na unidade, dentro de um programa desenvolvido em parceria com o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial).

As contratações ocorreram neste mês, informou o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (filiação à CUT) na Scania, Daniel Calazans. A montadora convocou outros estagiários para ocupar essas vagas, oferecidas através desse trabalho de incentivo e de qualificação dos formandos.

De acordo com o sindicalista, a expectativa é de que sejam efetuadas novas contratações, caso a produção continue com tendência de alta nos próximos meses. A Scania confirmou as admissões, mas não revelou mais detalhes.

Com a medida por parte da montadora, o número de funcionários subiu de 2,7 mil para 2,8 mil na fábrica do Grande ABC – um crescimento de quase 4% no contingente. Apesar de essa alta parecer tímida, esta foi a segunda contratação em massa ocorrida neste ano, explicou Calazans.

A primeira delas foi em janeiro deste ano, também para suprir a tendência de crescimento da produção por conta das vendas externas. Na ocasião foram incorporados outros 200 trabalhadores. Atualmente, a fábrica conta com 2,8 mil empregados.

Mesmo com um cenário desfavorável por conta da desvalorização do dólar frente ao real, a Scania vai na contramão de outras montadoras e vem aumentando seu volume de produção para atender as exportações direcionadas à Europa e América do Norte. Atualmente, a unidade fabrica 60 veículos por dia, contra 35 no início de janeiro (71,43%). Do total fabricado, 55% das unidades são destinadas ao mercado externo.

A situação atual da montadora sueca também está contrariando as previsões de redução do ritmo de produção para se adequar a um mercado em desaceleração. No mês passado, executivos da companhia reduziram o patamar deste ano para 16 mil unidades. Antes, a meta era de 18 mil carros, um número 20% superior ao de 2004, quando foram fabricados 15 mil unidades.

Calazans destacou que a Scania consegue bons resultados sobre as exportações porque a empresa conta com um mecanismo de ajuste da produção para não sofrer interferências do câmbio. Segundo ele, a montadora utiliza outras unidades fora do país para fazer esse tipo de adaptação.

Para o diretor do sindicato, a tendência é a empresa ampliar ainda mais a produção e, conseqüentemente, fazer mais admissões, com a possibilidade da chegada de um produto novo para ser fabricado na unidade do Grande ABC. Porém, ele não soube informar mais detalhes sobre esse assunto.

"São projetos importantes que mantêm o nível de emprego aqui na empresa e afasta a ameaça de demissões, como vem ocorrendo em outras montadoras da região", comentou.

PDV– A Scania continua com o PDV (Programa de Demissões Voluntárias) voltado para todos os funcionários. O plano foi aberto no dia 25 de maio e não tem meta e prazo previsto para seu término. O objetivo é incentivar a substituição dos aposentados por profissionais recém-formados.

### **Brasil lidera vendas mundiais da Scania**

A filial brasileira da Scania manteve-se como maior mercado mundial da montadora sueca ao vender, no primeiro semestre, 2.924 caminhões. No ano passado, o Brasil já havia liderado as vendas da marca.

Em segundo lugar no semestre está a Grã-Bretanha, com 98 unidades a menos. De acordo com balanço divulgado nesta quarta-feira, no mundo todo foram vendidos 29.023 caminhões e ônibus da marca, 9% superior aos resultados de igual período do ano passado.

No país, o desempenho foi 7% melhor que em 2004 mas, segundo o presidente mundial da Scania, Leif Istling, poderia ter sido melhor. "Os juros no Brasil fizeram com que a forte demanda dos primeiros meses caísse um pouco no fim do semestre, fato que foi compensado na América Latina por bons resultados na Argentina e no Chile."

A filial brasileira, com sede em São Bernardo, também vendeu no primeiro semestre 565 ônibus, o dobro dos negócios de 2004, e 686 motores. A fábrica do Brasil exporta mais da metade da sua produção. O grupo anunciou, para 2007, a produção de uma nova linha de caminhões pesados, denominada PRT. A família será composta por veículos de cabine avançada (cara chata) e de capô (bicudo ou tradicional) em diferentes opções.

O valor do investimento não foi revelado, mas boa parte virá de aportes da própria filial brasileira, segundo informou recentemente o presidente da Scania Latin America, Hans-Christer Holgersson. A nova linha substituirá a atual. Cerca de 30% da produção será destinada ao mercado brasileiro, 20% para países da América Latina e o restante para regiões como Ásia, África e Oriente Médio.

Recentemente, a montadora sueca voltou a liderar o mercado brasileiro no segmento de caminhões pesados, apesar do forte crescimento da DaimlerChrysler (Mercedes-Benz) e da Ford. (Eric Fujita) (*Diário do Grande ABC*, 28.07.2005)

## Movimento sindical dos EUA tem racha histórico

O movimento sindical dos Estados Unidos e do Canadá passa pelo maior racha na sua história recente, num momento em que o nível de sindicalização dos trabalhadores nos dois países é o mais baixo desde os anos 20.

O Sindicato Internacional dos Trabalhadores no Setor de Serviços (SEIU) e a Irmandade Internacional do Caminhoneiros (conhecido como Teamsters), dois dos três maiores sindicatos que formam a central sindical AFL-CIO, se desfiliam ontem. A AFL-CIO, resultado da fusão em 1955 da Federação Americana do Trabalho (AFL, na sigla em inglês) e da Congresso de Organizações Industriais (CIO), congrega 56 sindicatos representativos de 13 milhões de trabalhadores nos EUA e no Canadá.

Os rebeldes, que são de uma corrente chamada "Mudar para Vencer", discordam do modo como o presidente da AFL-CIO, John Sweeney, vem liderando a central. Eles pregam a ampliação da base sindical e questionam a orientação da AFL-CIO, que estaria se concentrando mais na atuação política que na sindical.

Hoje, a sindicalização do setor privado está abaixo de 8% nos EUA e no Canadá. Em 1983, os sindicalizados eram mais de 20% da força de trabalho dos dois países. Os rebeldes querem gastar os recursos das contribuições sindicais mais em campanhas de filiação que em atividades político-partidárias. Sweeney, por sua vez, diz que o conflito é mais uma disputa de poder do que o choque ideológico entre as partes.

"Tenho de dizer que não foi uma decisão fácil nem alegre", disse Andrew Stern, presidente do sindicato de serviços, ao lado de James P. Hoffa, do sindicato dos caminhoneiros. Os dois representam cerca de 20% dos associados da AFL-CIO. O sindicato de serviços representa 1,3 milhão de trabalhadores. Sua história tem raízes em 1921. Os caminhoneiros têm cerca de 1,27 milhão de membros. Sua formação remonta a 1903.

Os dois sindicatos, junto com outros cinco, como o dos Trabalhadores Unidos do Setor Alimentício e Comercial e o Unite Here (trabalhadores de hotéis e restaurantes), estão boicotando a convenção da AFL-CIO que acontece em Chicago nesta semana. Tanto o do setor alimentício quanto o de hotéis e restaurantes dizem ainda estar em processo de decisão sobre se pedem ou não a desfiliação - os dois representam quase 1,5 milhão de empregados no setor privado.

No total, os sete sindicatos do "Mudar para Vencer" representam 40% dos filiados à AFL-CIO.

Líderes sindicais e políticos democratas advertiram contra o racha. O senador democrata do Estado de Illinois Richard Durbin disse que a convenção tinha de tentar manter a unidade: "Há muita gente nos conselhos de administração das empresas que está rindo hoje. Eles acham que estamos enfraquecidos".

Barack Obama, senador democrata também de Illinois, disse que a hora é de desafio para o movimento sindical. "Temos de enfrentar o fato de que a economia está mudando. Temos de nos adaptar."

"O velho mote do sindicalismo é: unidos somos fortes; fortes somos unidos", disse Robert Reich, ex-secretário do Trabalho no primeiro mandato de Bill Clinton.

Os democratas são intimamente ligados aos sindicatos tanto para mobilização quanto para financiamento eleitoral. (Agências internacionais) (*Valor*, 26.07.2005)

### Direção foi reeleita no Congresso

John Sweeney, presidente da AFL-CIO, Linda Chavez-Thompson, vice-presidente e Richard Trumka, secretário de Finanças foram reeleitos para um novo mandato frente à AFL-CIO



## Antídoto contra a mudança

Paulo Nogueira Batista Jr.

*"Uma manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregor Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto."* Franz Kafka, "A Metamorfose"

Segundo o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, do PSDB, "tudo o que foi colocado pelo deputado Roberto Jefferson vem sendo confirmado, ponto a ponto". Essa é, realmente, a impressão generalizada. Por isso, merece atenção a recente entrevista de Jefferson a Boris Casoy. Refiro-me em especial ao seu relato sobre planos e temores do PFL e do PSDB.

Baseando-se em conversa com o presidente do PFL, Jorge Bornhausen, Jefferson contou que existe um entendimento entre PFL e PSDB para tentar preservar, em certa medida, o presidente Lula, permitindo que ele chegue, enfraquecido, ao fim do seu mandato. Isso teria sido acertado entre Bornhausen e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

"Eles temem a queda do presidente Lula", explicou, "porque o vice-presidente, José Alencar, é um homem muito ligado aos militares, com fortes primados nacionalistas, um empresário e capitão de indústria." Jefferson previu que, assumindo o governo, Alencar "reduziria os juros e enfrentaria a política dos bancos e do FMI". Nessa hora de depressão e desesperança, Alencar seria capaz de levantar a auto-estima dos brasileiros, tornando-se "imbatível" nas eleições presidenciais de 2006, afirmou.

O leitor poderá acreditar ou não nessas afirmações. Mas, pergunto, elas não são um pouco mais plausíveis do que a versão, propagada pelos lulistas, de que as elites estariam pretendendo desestabilizar ou até derrubar o governo?

Verdade seja dita: o impeachment de Lula desorganizaria o controle que as elites, especialmente os grandes bancos e os interesses a eles associados, têm atualmente sobre as políticas macroeconômicas e financeiras. Esse controle foi preservado após longo e cuidadoso trabalho de cooptação de grande parte do PT e da candidatura Lula. Conseguiu-se, assim, anular no "tapetão" o resultado das eleições presidenciais de 2002.

Com Lula bastante debilitado, talvez definitivamente anulado, esse controle só será ameaçado se a crise arrastar o presidente da República e o seu ministro da Fazenda.

Não interessa às elites, portanto, apressar o fim do governo Lula. Vou mais longe: nem sequer lhes interessa tirar Lula do páreo em 2006. Surgiria, nessa hipótese, um vácuo político, que poderia ser aproveitado, não por um tucano ou algo equivalente, mas por um candidato não-enquadrado, algum "aventureiro" que pudesse colocar em risco a estabilidade medíocre da política econômica brasileira.

O quadro político-eleitoral é frágil e potencialmente volátil. A confiança na classe política tende a zero. Denúncias graves estão atingindo não só o PT e o governo Lula mas o Congresso e todos os principais partidos, incluindo o PFL, o PMDB e o PSDB. Nesse ambiente, aumentam consideravelmente as chances de que, em 2006, possa ocorrer a ascensão de um "outsider", difícil de controlar ou cooptar.

A crise política adquiriu uma dinâmica que a torna incontrollável. Mas parece claro que, da ótica dos defensores do "status quo", a preferência é pela preservação de Lula, não só como presidente mas até mesmo como candidato em 2006. Desse ponto de vista, o ideal é que ele chegue desmoralizado às eleições, tornando-se presa fácil para um adversário capaz de defender com mais autenticidade e naturalidade a atual agenda econômica e financeira.

Ironia do destino. Por um processo tortuoso e melancólico, Lula sofreu metamorfose radical: passou de paladino das mudanças a antídoto contra toda e qualquer mudança.

Paulo Nogueira Batista Jr., 50, economista e professor da FGV-EAESP, escreve às quintas-feiras nesta coluna. É autor do livro "O Brasil e a Economia Internacional: Recuperação e Defesa da Autonomia Nacional" (Campus/Elsevier, 2005). E-mail - [pnbjr@attglobal.net](mailto:pnbjr@attglobal.net) (Folha de S.Paulo, 28.07.2005)

**CNM-Internacional** é um informativo da Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – **CNM-CUT**, editado pela Consultoria Econômica e Social Integrada  
Secretário Geral da **CNM** : Fernando Lopes  
Jornalista Responsável : Antonio Carlos Castro (MTb 36.741/SP)  
[internacional@cnmcut.org](mailto:internacional@cnmcut.org) <http://www.cnmcut.org.br>